

A PRODUÇÃO DE SUJEITOS DO DESEMPENHO E A VIOLÊNCIA DA POSITIVIDADE POR BYUNG-CHUL HAN (*)

THE PRODUCTION OF SUBJECTS OF PERFORMANCE AND THE VIOLENCE OF POSITIVITY BY BYUNG-CHUL HAN

LA PRODUCCIÓN DE SUJETOS DE PERFORMANCE Y LA VIOLENCIA DE LA POSITIVIDAD DE BYUNG-CHUL HAN

Yumara Lúcia Vasconcelos¹

RESUMO

Este ensaio tematizou a violência da positividade, invisível e recorrente nas relações de trabalho, parte da racionalidade neoliberal, pressuposto a partir do qual a argumentação foi constituída. A pesquisa, fundamentalmente bibliográfica e de lógica indutiva, sustentou a discussão e análise de sua ressonância na vida do trabalhador, ressaltando aspectos relevantes relacionados à dessubjetivação e transformação do sujeito. Conforme a argumentação apresentada, concluiu-se que o controle sobre a sociedade do trabalho e o processo de exploração têm sido estabelecidos em dimensões cada vez mais imateriais, simbólicas e existenciais. O mercado, por sua racionalidade neoliberal, tem adotado estratégias de poder engendradas não apenas controlar, mas para dessubjetivar, produzir novas subjetividades e explorar as subjetividades criadas. O sujeito de desempenho (mercantilizado) é fruto desse processo, que é destrutivo, profundamente violento, injusto, invasivo, adoecedor e ao mesmo tempo, cruel e criativo. A sutílização da violência neoliberal da positividade, com feições notadamente docilizadas, resulta da programação cognitiva operada (de subjetivação contábil e financeira), parte essencial de sua racionalidade, transformando sujeitos dominados em opressores de si e objeto de consumo.

Palavras-chave: Violência da positividade. Sujeito de desempenho. Racionalidade neoliberal.

ABSTRACT

This essay thematized the violence of positivity, invisible and recurrent in labor relations, part of neoliberal rationality, assumption from which the argument was constituted. The research, fundamentally bibliographical and based on inductive logic, supported the discussion and analysis of its resonance in the worker's life, highlighting relevant aspects related to the de-subjectivation and

(*) Recibido: 05/10/2022 | Aceptado: 12/11/2022 | Publicación en línea: 30/12/2022.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

¹ Pós doutora em Direitos humanos (UFPE), doutora em Administração (UFBA), mestre em Ciências Contábeis (Fundação Visconde de Cairu), bacharela em Direito e Ciências Contábeis. Especialidades na área jurídica: Direito civil e em Filosofia e Teoria do Direito. Docente e pesquisadora da UFRPE, professora permanente do PROFIAP / UFRPE e do PPGDH/UFPE. Líder do GEPDT/CNPQ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito do Trabalho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/792146 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2280-7692>

transformation of the subject. According to the argument presented, it was concluded that control over the work society and the exploitation process have been established in increasingly immaterial, symbolic and existential dimensions. The market, due to its neoliberal rationality, has adopted power strategies engendered not only to control, but to de-subjectivize, produce new subjectivities and explore the subjectivities created. The performance subject (commodified) is the result of this process, which is destructive, profoundly violent, unfair, invasive, sickening and at the same time cruel and creative. The subtilization of the neoliberal violence of positivity, with notably docile features, results from the operated cognitive programming (accounting and financial subjectivation), an essential part of its rationality, transforming dominated subjects into oppressors of themselves and objects of consumption.

Keywords: Violence of positivity. Performance subject. Neoliberal rationality.

RESUMEN

Este ensayo tematiza la violencia de la positividad, invisible y recurrente en las relaciones laborales, parte de la racionalidad neoliberal, supuesto a partir del cual se constituyó el argumento. La investigación, fundamentalmente bibliográfica y de lógica inductiva, apoyó la discusión y el análisis de su resonancia en la vida del trabajador, destacando aspectos relevantes relacionados con la desubjetivación y transformación del sujeto. De acuerdo con la argumentación presentada, se concluyó que el control sobre la sociedad del trabajo y el proceso de explotación se han establecido en dimensiones cada vez más inmateriales, simbólicas y existenciales. El mercado, por su racionalidad neoliberal, ha adoptado estrategias de poder engendradas no sólo para controlar, sino para desubjetivizar, producir nuevas subjetividades y explorar las subjetividades creadas. El sujeto performático (mercantilizado) es el resultado de este proceso, que es destructivo, profundamente violento, injusto, invasivo, enfermizo y al mismo tiempo cruel y creativo. La utilización de la violencia neoliberal del positivismo, con rasgos notablemente dóciles, resulta de la programación cognitiva operada (subjetivación contable y financiera), parte esencial de su racionalidad, transformando sujetos dominados en opresores de sí mismos y objetos de consumo.

Palabras clave: Violencia de la positividad. Sujeto de actuación. Racionalidad neoliberal.

1. INTRODUÇÃO

As relações de poder e os modos de organização se transformam na decorrência do tempo. Os papéis exercidos na sociedade idem. Traçando um panorama,

(...) se no século passado tínhamos um Estado soberano que podia, na pior das hipóteses, agir de maneira violenta, opressiva e totalitária; que era representado por figuras de poder e autoridade, por prédios públicos enormes e por volumosas constituições; hoje quem ocupa o lugar de soberania é o mercado, do qual o Estado é apenas um braço operacional. O mercado, tal como se apresenta na contemporaneidade, é representado pelas lógicas, diretrizes e ideais neoliberais e que, por razões que este ensaio discute, habitam no imaginário popular. (Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez, 2022, p.12)

Nesse contexto, o domínio da linguagem ganha relevo uma vez que esconde uma extraordinária potência para a realização e transformação da sociedade. A

pervasiva gramática neoliberal oculta mecanismos psíquicos que são instrumentalizados para atribuir uma feição positiva à exploração, inferência presente no esquema conceitual do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, explorado neste ensaio.

O *modus* de instrumentalização intensifica o apassivamento do sujeito diante das condições de trabalho que lhes são impostas, parte das quais sequer compreendida como imposição, evidência da manipulação e modulação de sua percepção, movimento que é orientado pela lógica e diretrizes neoliberais.

Constitui-se, então, o processo de sedução gerencialista, que flui a partir de um repertório de jargões e práticas de engajamento social, produtividade e positividade, compondo um fenômeno reproduzido em cadeia. Por esta dinâmica, os sujeitos controlados são, forçosamente e de modo gradativo, induzidos a ressignificar suas experiências, sofrimentos e a própria noção de violência. (Cavalcanti, 2021; Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez, 2022; Han, 2017; Gaulejac, 2007)

“Por não existir na realidade material/física, a palavra é, essencialmente, um signo neutro, ou seja, ela pode representar qualquer fenômeno, logo, ao mesmo tempo em que ela reflete sua própria realidade, pode refratar muitas outras.” (Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez, 2022, p.18)

A comunicação, especialmente, a linguagem, revela-se, então, como meio eficiente para manipular as pessoas, de modo a estabelecer o domínio sobre as percepções, significados e visões de mundo, aprofundando e intangibilizando o controle social. Enegrecendo essa dinâmica, Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez (2022) reforçam esse entendimento, afirmando que

(...) o Neoliberalês modula a percepção da realidade do indivíduo em favor daqueles e daquelas que estão no topo da hierarquia social por meio da ampliação do vocabulário e produção de novos significados, criando assim, miragens urbanas que disfarçam a realidade de sofrimento e negligência política que a população enfrenta. (Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez, 2022, p.12).

Por esse prisma, o controle ganha novas características, a partir da superação do poder, autoritário e disciplinar, por aquele sutil, docilizado e internalizado, invisível a olhos desatentos e sufocados pela realidade. Esses ‘poderes’, na verdade,

coexistem e se completam, a despeito das naturezas de gerenciamento social distintas. Operam tecnologias que intentam a produção de um vocabulário próprio, ressignificando o repertório já existente nos respectivos contextos e constelações sociais, instituindo uma relação entre subjetividade, linguagem e comportamento social. De fato,

No idioma neoliberal não há uma destruição/junção de palavras, mas sim, uma produção intensa delas, somado a um processo de (re)significação de outras já existentes. Isso ocorre porque, embora os dois idiomas funcionem como ferramentas de controle social, as tecnologias envolvidas nesse processo são diferentes (Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez, 2022, p.12).

As palavras, signos neutros, são receptáculos dos sentidos e significados atribuídos pelo sujeito, conformando uma representação ideológica com força tal, que pode produzir estímulos neuronais suficientes para criar necessidades e dosificar a satisfações.

Em vez de uma encenação ostentatória a violência se esconde envergonhada. É bem verdade que continua a ser exercida, mas é retirada da encenação pública. Não chama atenção sobre si mesma; falta-lhe qualquer tipo de linguagem e simbologia. Ela não anuncia nada; realiza-se como uma aniquilação sem linguagem, muda. (Han, 2017, p.12)

Esse percurso marca um movimento de internalização e intangibilização de processos violentos, que dá azo a um novo paradigma autocentrado e notadamente mercantilizado, de marcada percepção serial.

“O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de liberação, o libertar-nos de nós mesmos.” (Eagleton, 1997, p.13)

Ocorre que o adestramento condicionando é uma forma de violência porque ataca a capacidade de autodeterminação do sujeito, processo que nutre e estruturaliza *status quo* opressivos, assumindo um caráter proteico complexo e adaptativo. Adapte-se ou pereça! Han (2017) adverte que “(...) a violência marcial dá lugar ao poder anônimo, des-subjetivado e se esconde no poder sistêmico, que coincide com a sociedade.” (Han, 2017, p.6)

O controle manipulativo deixa de ser visível para tornar-se invisível, parte essencial da engrenagem cognitiva do sujeito, atribuindo-lhe uma feição serial, anonimizada, sistêmica, inespecífica, ampla, portanto, sem culpados.

“Na Modernidade, a violência assume uma forma tornada psíquica, psicologizada, internalizada; ela adota formas intrapsíquicas. As energias não são descarregadas de modo diretamente afetivo, mas são processadas, trabalhadas psiquicamente” (Han, 2017, p.10)

Não é sem razão que se observa, de modo cada vez mais intenso e eficaz, o desaparecimento da percepção simbólica para dar lugar àquela serial, incompatível com experiências de longa duração. O sujeito neoliberal vive pressionado pela necessidade de *update* constante (coaço permanente). (Han, 2021)

Por essa dinâmica, amplia-se o repertório de violências estruturais nos diferentes substratos sociais, minando qualquer manifestação de contrapoder por parte de grupos minorizados, minorias em representatividade fragilizadas politicamente.

Não obstante a repercussão da violência estrutural seja visível, seus gatilhos não o são. Esta é a razão pela qual, em muitas situações, pessoas vitimadas não se reconhecem como vítimas e naturalizam a opressão. Em alguns casos até a reproduzem.

Os substantivos ‘positividade’ e ‘negatividade’ presentes na obra de Han (2017) não sugerem extremos de um juízo de *status*, refletindo a essência desatada do contexto, a origem, o nível de percepção e reconhecimento da violência. Por exemplo, ao reprimir no outro a expressão ou comunicação de seu sofrimento (com falas do tipo *Não chore! Já devia ter superado! Não foca nos problemas. Esquece! Direciona seus pensamentos para a solução.*) induz-se o sujeito a não lidar e compreender seus processos internos e necessidades emocionais. Entretanto, analisando-se a abordagem, de forma descontextualizada, não se verifica a presença do ‘negativo’ ou da ofensa material. Com isso, a compreensão da violência perde potência.

Práticas violentas baseadas na positividade são implícitas, nutridas por estímulos positivos que se repetem nos diferentes lugares, verdadeiros dispositivos de positividade. O exercício desse poder é discreto, serial e sedutor. O controle se realiza no nível psicológico, tornando o sujeito seu próprio algoz, o que complexifica a

atribuição de responsabilidade, óbice ao reconhecimento. Esse processo é tão eficaz que consolida, inclusive, pseudoverdades, implodindo qualquer expressão de subjetividade, criando uma realidade paralela ficta.

Desta trama de controle social emerge um indivíduo docilizado, desmobilizado politicamente, predisposto à sujeição (acepção que desborda o conceito de subordinação jurídica), produtivo, exaurido, mas comprometido com o desempenho e valores organizacionais. Experimenta-se um comércio de valores, introjetados sem convicção.

A dificuldade de separar o EU do OUTRO OPRESSOR é decorrência da impotência gerada pela fragilização da imunologia social, que corresponde a uma resposta espontânea de natureza psicológica, política e social para afastar, repelir e coibir qualquer ameaça. Instaura-se, então, uma zona de conforto na qual o Direito e a sua regulação não consegue alcançar.

O empreendedorismo também é dragado para esse lugar de exploração, que ganha uma conotação sistêmica no âmbito da cadeia de valor, na qual trabalhadores (e trabalhadoras) são induzidos a se verem como empreendedores livres, ainda que capturados em uma rede de exploração que tem na linguagem o seu mais eficaz recurso.

As práticas violentas baseadas na negatividade, por sua vez, são explícitas, portanto, compatíveis com o poder exercido de modo autoritário e disciplinar, marcado por opressões visíveis. Nesta modalidade, o agente da violência é o outro, o que explica a maior fluidez do processo de responsabilização.

O desafio político que se impõe não mais diz respeito à dominação explícita e exterior ao sujeito nas diferentes esferas da vida social (concepção biopolítica do Foucault), mas sim a intervenção em sua esfera psíquica, influenciando opiniões, pensamentos, propósitos de vida e subjetividades.

Essa perspectiva de análise acena para a superação do conceito de biopolítica, para dar lugar à psicobiopolítica. A noção de biopolítica aplicada à governança da sociedade disciplinar, fulcrada na negatividade, revelou-se inadequada para a consecução dos propósitos do regime neoliberal, que, nesse desiderato, passou a explorar eficazmente a psique humana, estruturalizando opressões ao ponto de invisibilizá-las.

Este ensaio tematiza a violência da positividade, invisível e recorrente nas relações de trabalho, parte da racionalidade neoliberal, pressuposto a partir do qual a argumentação foi constituída. A pesquisa, fundamentalmente bibliográfica e de lógica indutiva, sustentou a discussão e análise de sua ressonância na vida do(a) trabalhador(a), ressaltando aspectos relevantes relacionados à dessubjetivação e transformação do sujeito.

2.OS MARCADORES DA VIOLÊNCIA, O DIREITO E A RACIONALIDADE NEOLIBERAL

Qualquer movimento de normalização demanda exterioridade e materialidade fática. Na ausência destas propriedades, opera-se a despotencialização da malha jurídica de proteção. Os processos de sutílização e estruturalização da violência criam padrões de difícil enquadramento e reconhecimento, até mesmo pela pessoa vitimada.

Para Han (2017) a violência cada vez mais perde materialidade, ganhando notável capilaridade e profundidade existencial.

Ela se desloca do caráter visível para o invisível, do frontal para o viral, da força bruta para a medial, do real para o virtual, do físico para o psíquico, do negativo para o positivo, e volta a se recolher para espaços subcutâneos, subcomunicativos, capilares e neuronais, de modo que surge a falsa impressão de que ela teria desaparecido. (Han, 2017, p.6)

A violência da positividade é a melhor evidência desta afirmação, uma vez que é autoimposta e autogerida, tornando uma mesma pessoa, vítima e agente da própria violência.

Embora os condicionamentos atitudinais e comportamentais sejam nutridos por estímulos externos (quais sejam, pressões e padrões de estética, etiqueta, empregabilidade, perfil profissional, consumo, *status* social, dentre outros), fluindo em contracorrente aos limites do sujeito, portanto, à revelia das próprias identificações e identidade, não é possível identificar um responsável direto pelos danos gerados. Trata-se de uma violência induzida de modo sistêmico e racionalizado. Significa dizer que não é uma violência dirigida para esta ou aquela pessoa especificamente.

A indução à autoviolência se opera de modo genérico e impessoal, tendo como gatilhos as necessidades, as angústias, as expectativas, as frustrações e pulsões do sujeito, que deslocado do eixo de sua expressão subjetiva, se reprograma cognitivamente para ser percebido e ter o reconhecimento e a aceitação social almejada. O sujeito se modela com base em uma projeção de subjetividade. Instala-se, então, uma luta intensa por correspondência a esses padrões e modelos sociais, materializando o domínio sobre o sujeito.

O atual regime de informação, cujo processamento é baseado em algoritmos e inteligência artificial, complexifica o *modus* de dominação, exercendo papel determinante na caracterização de processos sociais, produtivos e políticos. Os mecanismos de dominação superaram a lógica disciplinar proposta por Foucault (presente no capitalismo industrial), baseada no engendramento de controle maquinal, na exploração de corpos e energias. A lógica de corpos docilizados foi substituída por aquela de mentes adestradas.

"Corpos dóceis como máquinas de produção não portam dados e informações, mas energia. No regime disciplinar, os seres humanos são adestrados em um animal do trabalho." (Han, 2022, p.1)

O capitalismo se regenera e performa em ciclos cada vez mais curtos. O controle neoliberal, em seu novo molde (na iminência de se defasar), atua sobre a mente e o aparato cognitivo do sujeito, manipulando a produção de dados e informações de interesse mercadológico, mecanismo fundamental para o estabelecimento de um esquema de vigilância eficaz, especialmente no que concerne ao prognóstico comportamental de natureza psicológica.

O poder, nesse contexto, perde a teatralidade da exposição e a visibilidade panóptica, para dar lugar a uma atuação sorrateira e aperfeiçoada, cujo excesso configura um dos marcadores mais eficazes da violência neuronal. Importa reforçar que a liberdade neoliberal é baseada na dinâmica mercantil, cuja lógica generaliza todas as esferas da vida social, indiferenciando-as. Assim,

(...) a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas. (Safatle, 2020, p.25)

A vigilância se opera no plano da sugestão mental, dos algoritmos e da inteligência artificial, sem a clássica coação disciplinar, alimentando a ilusão da liberdade e da autonomia do sujeito submisso.

"As percepções são programadas, induzidas, condicionadas. E essa ideologia é tão forte a ponto de tornar, em algumas línguas, a palavra "patrão" sinônimo de amizade, intimidade, camaradagem." (Cavalcanti, 2021, p.73)

É por essa estratagem que a racionalidade convoca, pela mera estimulação, condutas de chancela e reprodução de comportamentos e sujeitos, despossuídos da própria subjetividade (sujeitos do desempenho).

3.AS AGONIAS DO SUJEITO DO DESEMPENHO

O sujeito do desempenho é sufocado pelas pressões cotidianas e excessos que sobrecarregam as relações nos diferentes âmbitos. Apesar de sua autopercepção e reconhecimento, ele entende que não deve expressar as suas dores diante de terceiros estranhos, quase sempre expectadores indiferentes, apenas desejosos de alguma distração, ávidos pela oportunidade de demonstrar superioridade. Os gestos escondem significados, de modo que, deslocar a atenção para o infortúnio do outro igual parece afastar o estigma tão temido do fracasso.

Ao se manifestar piedade por alguém, está se caracterizando essa pessoa como sujeita a alguma debilidade, como alguém que só pode superar suas limitações com a ajuda que a pessoa compassiva pode oferecer. Então, com um mesmo gesto, se estabelece uma divisão binária entre aquele que se engrandece ao realizar a ação e aquele que se diminui ao recebê-la. Como já dissemos, conceder à compaixão, à caridade ou à piedade um valor moral pode levar a crer, erradamente, que ao socorrer os outros nos engrandecemos como agentes morais e que, deste modo, podemos converter-nos em sujeitos moralmente inobjetéveis. (Caponi, 2000, p.21)

O neoliberalismo se utiliza da moral, incitando o consumo de valores e emoções artificializadas para dar sentido e significado à exploração de mentes e corpos. Inundado pela autossugestão da entrega absoluta, exaurido física e emocionalmente, resta ao sujeito do desempenho, então, buscar algum conforto (leia-se: desconexão) no núcleo familiar. Ocorre que as pessoas "nesse lugar" também reclamam

desempenho, ressonando uma expectativa de representatividade que também é atrelada sucesso. A sociedade tem no sucesso a sua finalidade maior, negando a potência transformadora dos erros.

Com efeito, "O sujeito de hoje, voltado narcisicamente ao desempenho, está à busca de sucesso. Sucesso e bons resultados trazem consigo uma confirmação de um pelo outro." (Han, 2017, p.57)

Destarte, acuado, sobrecarregado pelas dores, sem escuta e acolhimento, ele cala o seu sofrimento e retoma o ritmo (dessimbolizado e desritualizado) de produção porque a vida é uma continuidade. ***Não há tempo, mas também não há vida.*** A ausência de vida é normalizada. "A ideologia neoliberal da resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho." (Han, 2021, p.8)

A despeito da retórica de pensado impacto, os discursos gerencialistas entregam contradições marcantes quando comparados à realidade de muitas organizações, com incidência expressiva de casos de assédio (moral, profissional, sexual), intolerância religiosa, racismo dentre outras formas de violência. Seus profusores defendem a solidariedade, a paridade de gênero, a diversidade e a inclusão, mas apenas na superfície das relações ou meramente por meio de falas rasas e sem ressonância política significativa, não revelando sequer senso de comunidade. Ao contrário, promovem a classificação binária de seus trabalhadores e trabalhadoras a partir de sua trajetória (quase sempre acadêmica), persuadindo 'vencedores' ou 'vencedoras' a promoverem a autoimagem do sucesso, conquistado por meio da dedicação (à firma) e do trabalho intenso (honra meritocrática).

A noção de sucesso é, assim, forçosamente manipulada, desidratada e reduzida à esfera de produção, aprofundando o distanciamento e transcendência de quem se é verdadeiramente, das próprias expectativas.

Sandel (2020) ressalta que "A ênfase persistente em criar uma meritocracia justa, na qual posições sociais reflitam esforço e talento, tem efeito corrosivo no modo como interpretamos nosso sucesso (ou a falta dele)." (Sandel, 2020, p.39)

Ocorre que, por essa estimulação arrogante e indução tóxica, essa prática também dá vazão à decepção, ao ressentimento, ao desânimo, à tristeza e desesperança de seus pares que não partiram do mesmo 'lugar social'. Mais que isso:

nutrem no outro o desvalor pela própria história de vida, reproduzindo e reafirmando fronteiras sociais no ambiente de trabalho, sobrepesando a responsabilidade pessoal.

“Em uma sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo querem acreditar que seu sucesso tem justificativa moral. Em uma sociedade de meritocracia, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho.” (Sandel, 2020, p.21)

Por essa perspectiva, deduz-se, então, que o mérito é um critério seletivo que privilegia uma aristocracia hereditária, instalando a política da humilhação em seu *modus* de governança. “Para quem se sente ofendido pela tirania do mérito, o problema não é apenas a estagnação de salários, mas também a perda de estima social.” (Sandel, 2020, p. 47)

A ansiedade precipita, a frustração debilita e a desesperança se instala sorrateiramente, juntamente com uma angústia avassaladora (algofobia). Falsamente pertencido, o sujeito de desempenho, marcadamente automatizado, se isola evitando a todo custo a experiência da dor, a despeito dos danos à sua saúde mental. A desesperança repercute no sistema de crenças do sujeito, que se apassiva politicamente pela ausência de alternativas, condição capturada e manipulada no âmbito da dinâmica das relações de poder. A escassez torna-se, por essa lógica, um analgésico político. “A política paliativa não é capaz de visões ou de reformas penetrantes. Ela prefere tomar analgésicos de curto efeito, que apenas aceleram disfunções e rejeições.” (Han, 2021, p.7)

Han (2021) argumenta que

Vivemos em uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é a negatividade pura e simplesmente. Também a psicologia segue essa mudança de paradigma e passa, da psicologia negativa como “psicologia do sofrimento”, para a “psicologia positiva”, que se ocupa com o bem-estar, a felicidade e o otimismo. Pensamentos negativos devem ser evitados. Eles devem ser substituídos imediatamente por pensamentos positivos. A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica do desempenho. (Han, 2021, p.7-8)

E assim, sucumbindo às expectativas sociais de resistência espiritual, o sujeito de desempenho conforma-se, silenciando suas dores em nome da vergonha de senti-

las, ao passo que nega a si mesmo a possibilidade da catarse. Processa-se, então, a economificação da existência.

A sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização [wegzuoptimieren]. Ela não é compatível com o desempenho. A passividade do sofrer não tem lugar na sociedade ativa dominada pelo poder [Können]. Hoje se remove à dor qualquer possibilidade de expressão. Ela é, além disso, condenada a calar-se. A sociedade paliativa não permite avivar, verbalizar a dor em uma paixão. (Han, 2021, p.8)

É relevante analisar as dores humanas produzidas por esta dinâmica e a sua reverberação nas diferentes instâncias da vida. "A consciência que não é capaz de estremecer é uma consciência coisificada." (Han, 2021, p.10)

A recusa da dor é um óbice à experiência significativa. A vida sem dor é ficta, portanto, também coisificada. A dor possui uma constituição cultural complexa. "A fortaleza soturna, o aterrorizante ritual do mártir e a encenação ostentosa da dor estabilizam a dominação. Corpos martirizados são a insígnia do poder." (Han, 2021, p.14)

É nesse contexto que a pessoa, envolta em sua complexidade, é paralisada ante a coerção da lógica do consumo que transforma emoções em gatilhos de necessidade. A internalização das causas do sofrimento afasta qualquer possibilidade de responsabilização jurídica, dando azo àquela moral, manipulada em sentido inverso, por meio da autoresponsabilização induzida (uma questão particular). A culpa pelo insucesso, pelo fracasso, pelo não reconhecimento é sempre pessoal. ***Suas escolhas, sua responsabilidade!***

A negação da dor produz uma falsa impressão de bem-estar, com o passar do tempo, constituindo-se como regra. Assim, como o que não é aceito não é denunciado, adoce-se por dentro. Causa e adoecimento passam a coexistir no próprio indivíduo.

A busca pela felicidade aparente tornou-se parte desse esquema de dominação, criando uma ilusão de satisfação que reprime a negatividade da dor inscrita no corpo e na alma, refletindo para além da rejeição e interdições sociais, os medos e agruras de jaez existencial que se acumulam ao longo da vida nua.

O capital psíquico, dispositivo da felicidade neoliberal, é fundamental para a manutenção da produtividade em níveis superiores, especialmente para a produção de sujeitos "não revolucionários", assujeitados com motivações eficazmente treinadas e reações metodicamente calculadas.

Reduz-se, desta maneira, a própria noção de felicidade que se torna cada vez mais relacionada à aquisição de bens materiais e ao *status* social projetado em métricas cada vez mais exigentes. O significado do trabalho transbordou da sobrevivência absolutizada para aquele da vida vazia, movida pelo motor do consumo. A lógica neoliberal despotencializa a experiência afetiva. A liberdade deixou de ser explicitamente controlada para ser explorada nos recônditos da vida psíquica do sujeito, conferindo ao poder uma feição também positiva e orgânica.

A liberdade e a autonomia, valores caros à humanidade, disfarçam os mecanismos de dominação e a potente vigilância experimentada na atualidade, sem que se tenha a menor consciência (poder *smart*). E é exatamente a pressão e a compulsão pela comunicação total que permite a vigilância plena, instalando uma verdadeira estrutura panóptica nas redes sociais, operada por algoritmos atentos.

A felicidade no padrão neoliberal é coisificada e efêmera, condição que alimenta a sua busca continuada por algo que promova um deslocamento de *status* que resulta, muitas vezes, em uma paradoxal insatisfação, infelicidade e exaustão.

A revolução deu lugar a depressão, a ansiedade e ao *Burnout*, enfermidades da sociedade do cansaço, oriundas do 'excesso' glamourizado (hiperestimulação, hipercomunicação, hiperdesempenho, hiperconexão).

Esse mecanismo de dominação, baseado na sutil (re)programação cognitiva, é orientada para a competição acirrada e o consumo, dinâmica responsável por individualizar, despolitizar, dessimbolar e dessolidarizar a sociedade. Nessa toada, a dor quando reconhecida é soterrada, reprimida e medicalizada paliativamente, em nome do conforto e aceitação social. ***Cada um ocupado com as próprias demandas e lutas!***

Esse encastelamento social empobrece narrativas, materializando padrões que se repetem sem criatividade. É exatamente esta característica que esvazia o sentido político do esgotamento gerado por esta manipulação cognitiva (neuronal). Não é um

sintoma comum, mas privativo do sujeito. A ausência do "nós" provoca uma sobrecarga no "eu" narcisicamente inflado.

As relações interpessoais são demasiadamente afetadas por essa racionalidade porque se passa a projetar no outro interesses e necessidades, transformando - o em produtos dotados de valor-utilidade, condição que tensiona as relações de trabalho.

A individualização e a solidão se impõem, então, como um eficaz instrumento profilático contra a insurgência (a revolução), enfraquecendo o poder coalizante da experiência afetiva de aproximação e da solidariedade.

O sujeito do desempenho, ensimesmado, transforma a si em um produto comercial (imagem capitalizada/capitalizável), movido por suas aspirações narcísicas e expectativas de reconhecimento projetadas em níveis tão expressivos que exaurem o ânimo de luta, simplificando o sentido da felicidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a dinâmica das opressões é um passo fundamental para reconhecer-se no lugar de oprimido ou de opressor, de primeira, segunda ou terceira ordem, protagonista ou coadjuvante do processo. É também perceber a repercussão política, psicológica e social do neoliberalismo, a heterogeneidade de sua morfologia, as estratégias e os mecanismos de dominação, considerando a sua contextualidade histórica, subversões e submissões.

Nessa toada reflexiva, conforme argumentação apresentada, importa admitir que o controle sobre a sociedade do trabalho e que o processo de exploração tem sido estabelecido em dimensões cada vez mais imateriais, seriais e existenciais. É fato que o mercado, por sua racionalidade neoliberal, tem adotado estratégias de poder engendradas não apenas para controlar, mas para dessubjetivar, produzir novas subjetividades e explorar as subjetividades criadas. O sujeito de desempenho (mercantilizado) é fruto desse processo, que é destrutivo, profundamente violento, injusto, invasivo, adoecedor embora seja, ao mesmo tempo, criativo, afinal, as 'criações' não dispensam adjetivos.

A sutílização da violência neoliberal da positividade, com feições notadamente docilizadas, resulta da programação cognitiva operada (contábil e financeira), parte essencial de sua racionalidade, transformando sujeitos dominados em opressores de si e objeto de consumo.

5. REFERÊNCIAS

- Cardoso, A.J. S., & Gonçalves, L. R. Gutiérrez, V. A. T. (2022) *O neoliberalês: um ensaio filosófico sobre o idioma da sociedade do desempenho*. Ed. do autor.
- Cavalcanti, T. M. (2021) *Sub-humanos: o capitalismo e a metamorfose da escravidão*. Boitempo.
- Caponi, S. (2000) *Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica*. Editora FIOCRUZ.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Dardot, P. et al. (2021) *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. Elefante.
- Dardot, P. Laval, C. (2017) *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Boitempo.
- Dejours, C. (2020) *El sufrimiento en el trabajo*. Topía Editorial.
- Dunker, C. I. L. (2015) *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo.
- Facas, E. P. (2020) Sociedade da Performance e a falácia da liberdade no discurso neoliberal. In: Sousa- Duarte, F.; Mendes, A. M.; & Facas, E. P. (Orgs.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho* (pp.63-75) Editora Fi.
- Han, B. (2017) *Agonia do eros*. Vozes.
- Han, B. (2021) *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Han, B. (2022) *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Vozes.
- Han, B. (2022) *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Vozes.
- Sandel, M. (2020) *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Civilização Brasileira.

Safatle, V. (2020) *A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral*. In: Safatle, V. Silva Júnior, N. Dunker, C. I. L. (Orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. (pp 1 – 302) Autêntica.

Safatle, V. (2016) *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.